

APRESENTAÇÃO  
A MELANCOLIA  
E SUAS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA

Fabiano Rodrigo da Silva Santos  
Norma Domingos

A ideia da melancolia irradia-se para a literatura como um motivo persistente, cuja presença parece ganhar maior vulto conforme se acirra a consciência de crise que eventualmente assombra o modo como a literatura moderna compreende sua relação com o mundo e com a linguagem. A Modernidade, era que presencia a falência dos ídolos, quer sejam esses, o mito, a aura da obra de arte, a utopia, frequentemente dá voz a obras que cantam o desamparo existencial por meio de elegias que ecoam nos recessos das ruínas, que repetem o antigo mote do *ubi sunt*, que balbuciam diante do vazio deixado pela perda de algo inexprimível. Muitas criações modernas, ainda, paradoxalmente, extraem da consciência de impossibilidade força motriz e substância, o que pode converter a melancolia em fecunda plataforma de criação.

Identificada na Antiguidade como uma patologia oriunda do desequilíbrio da bile negra, o pior de todos os humores, ao longo de sua história, a melancolia paulatinamente migrará dos tratados médicos para a literatura e para as artes, trazendo consigo, para o universo estético, todo o seu complexo de padecimento e apatia, bem como sua associação à sensibilidade hiperbólica daqueles que, de algum modo, se distinguem do vulgo e que, talvez por isso, se veem em conflito consigo e com o mundo. Reconhece-se no *Problema XXX*, atribuído a Aristóteles, a primeira sugestão de que as pessoas notáveis seriam particularmente sujeitas ao assédio da melancolia. Tal sugestão inaugurará certa tradição, como demonstra o pensamento do renascentista Marcilio Ficino (STAROBINSKI, 2016), que integra a melancolia à condição própria de indivíduos geniais. Melancólicos são, sobretudo, ascetas, poetas, artistas, letrados, pessoas dedicadas a atividades que impelem ao isolamento e, conseqüentemente, à incômoda sondagem de si, das vastas dimensões das ausências e (por que não?) das

carências que insulam os sujeitos em sua autoconsciência. Pode-se dizer que, a partir da alta consideração que a melancolia recebeu em alguns círculos letrados do Renascimento, foi pavimentado o caminho para a longa história do relacionamento da melancolia com a atividade criativa, artística e intelectual, que encontrou no Romantismo espécie de epicentro. A melancolia se confunde com a própria cosmovisão romântica, sendo, de fato, cultuada por essa geração sob distintos nomes – *Mal du Siècle*, *Weltschmerz*, *Spleen*, eis alguns conceitos produzidos a partir da decomposição prismática da melancolia, ideia essa que favorece a transfiguração da consciência do mal-estar do indivíduo no mundo em potência criadora.

É conhecida a formulação de Freud segundo a qual, diferentemente do que ocorre como o luto, que se refere a objeto integrado à consciência de quem padece, a melancolia incidiria sobre algo banido da consciência (FREUD, 2010). Kristeva, a partir das lições de Freud, trata a melancolia como crise simbólica, como reação à impossibilidade de referir, nomear, presentificar, o objeto da perda (KRISTEVA, 1989). Daí surgir uma oportuna analogia entre melancolia e certa cosmovisão moderna da arte, que talvez tenha nos românticos os primeiros artistas e intelectuais a ela sensível: na modernidade, época da falência dos ídolos e da reificação dos indivíduos, o ideal parece converter-se numa grande ausência, informe e inominável, fatalmente inacessível, mas que se intui como essencial. Daí a literatura moderna frequentemente se referir aos objetos caros a seu imaginário por meio de elipses, fragmentos, alegorias fraturadas, enfim, por meio dos silêncios que ressoam a voz da melancolia tanto no éter despovoado de mitos, como na terra desolada da história, os dois polos que esmagam a moderna consciência de se estar no mundo.

A melancolia, como demonstram as luminares reflexões de Walter Benjamin, também se oferece como poderoso mecanismo de crítica da história por desvelar seu conteúdo de catástrofe, carência e ruína (BENJAMIN, 2013). Daí a tarefa de confronto da expressão artística com o errático fenômeno da história não estar isenta de algum pendor melancólico. A literatura moderna demonstrará inclusive que aquele nobre desalento, que durante tanto tempo foi tratado como insígnia e estigma do gênio, não constitui privilégio dos indivíduos notáveis, mas confina também com a experiência anônima da miséria que se divisa na história lida a contrapelo, no confronto do relato artístico com uma realidade que não admite o discurso da consolação, bem como no testemunho da tarefa sempre agônica de engendrar a expressão literária do vácuo da insuficiência.

Os artigos que compõem este dossiê da revista *Miscelânea* dão mostras da persistente presença da melancolia no imaginário literário moderno, revestindo produção de épocas distintas entre si, mas integradas talvez por uma cosmovisão comum, da qual a melancolia emerge não apenas

como tema, mas também como ponto de referência para a crítica da história efetuada pela literatura e para a meditação sobre o próprio processo de composição da arte literária.

Abre o dossiê o artigo “A melancolia nos *Ensaio*s de Montaigne”, trabalho no qual as autoras, Carolina Toti e Luciana Brito, abordam a presença da melancolia nos escritos de Montaigne, célebre filósofo francês do século XVI. As considerações voltam sua atenção para a acepção de melancolia particular aos *Ensaio*s, demonstrando como essa se relaciona aos juízos apresentados por Montaigne sobre si e sobre a sociedade. Recebe especial cuidado das articulistas a relação íntima entre melancolia e a própria gênese dos *Ensaio*s de Montaigne.

Na sequência, apresentam-se dois trabalhos que investigam aspectos da literatura de tradição romântica.

“O sentimento de exílio, o apelo ao nostálgico, a memória da sublimidade perdida: três faces da melancolia representadas na poesia francesa do século XIX.”, de Márcia Eliza Pires, apresenta análises do elemento nostálgico e da consciência de perda em três momentos da poesia francesa do século XIX, representados pelos poemas “Ao filho de um poeta”, de Victor Hugo; “Desejo de pintar”, de Baudelaire e “Tsilla”, de Albert Samain, percorrendo arco que vai do Romantismo ao Simbolismo.

O artigo “O *Spleen* romântico como estratégia retórica nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*”, de João Adalberto Campato Jr. e Ricardo Magalhães Bulhões, por seu turno, demonstra o modo pelo qual as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, de José de Alencar, articulam aos dispositivos retóricos dos oitocentos o conceito de *Spleen*, o qual apresenta um repertório de valores tipicamente românticos mobilizados nas referidas *Cartas* e no âmbito da polêmica por elas suscitada.

A relação entre melancolia e o elemento numinoso divisado em algumas manifestações literárias oferece elo entre os dois artigos da sequência.

Em “Satã e a Melancolia”, Rangel Gomes de Andrade e Antônio Donizeti Pires propõem uma investigação de cunho histórico-literário das relações de convergência, presentes na tradição romântica, entre genialidade, melancolia e imaginário em torno do diabólico.

Em “Misticismo e melancolia em *Sonetos de uma santa*”, de Alphonsus de Guimaraens”, Cristovam Bruno Gomes Cavalcante discute a relação entre ascese mística e melancolia em poemas do simbolista brasileiro Alphonsus de Guimarães.

A poesia portuguesa do século XX figura como matéria do artigo “Notas sobre as Nuvens: Imagens de Pensamento e de Melancolia no *Livro do Desassossego*”, de Orlando Nunes de Amorim. As reflexões tratam do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa-Bernardo Soares, e dedicam-se à

relação entre paisagem e escrita melancólica divisada nas figurações de nuvens, as quais correspondem a elementos expressivos da composição imagética de fragmentos da obra estudada.

A relação entre paisagem melancólica e composição literária é elemento de relevância para a leitura empreendida pelo artigo “Entre a perda das origens e as ruínas: uma imagem melancólica”, de Melissa Quirino Scanhola. Dedicado ao romance *Nedjma* (1956), do escritor argelino Kateb Yacine, o trabalho analisa a busca pela identidade e a meditação melancólica sobre a história que emerge da consciência do protagonista do romance estudado a partir da contemplação das ruínas da cidade argelina de Constantina.

Representação da melancolia e a relação entre introspecção e sensibilidade às impressões circundantes envolve a leitura proposta pelo artigo “‘Busca’ de João Antônio: a melancolia pelas ruas de dentro”, de Cláudia Maria Cantarella Silva e Guacira Marcondes Machado Leite. O trabalho apresenta uma análise do conto “Busca”, da obra de estreia de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), que considera os aspectos melancólicos e líricos da caminhada interna e externa empreendidas pelo protagonista do conto.

A representação literária da melancolia pelo prisma da experiência feminina oferece ponto de contato entre os dois artigos seguintes.

Em “As filhas da melancolia: Esther Greenwood e Sylvia Plath”, Vanessa Cezarin Bertacini e Cristina Henrique da Costa analisam *A redoma de vidro* (1963), romance de Sylvia Plath apresentando reflexões sobre a dimensão melancólica de obra em diálogo com elementos da biografia de Sylvia Plath, entrevistados em seus diários. As discussões consideram ainda a relação da melancolia vivida pela protagonista do romance, bem como expressa nos diários de Plath, com os ideais de feminilidade ditados pela sociedade estadunidense dos anos de 1950.

“Melancolia e velhice em Marietta Telles Machado”, de Nismária Alves David e Jane Adriane Gandra, discute, a partir da análise do conto “Idade”, do livro *Narrativas do cotidiano* (1978), da escritora goiana Marietta Telles Machado, a relação entre melancolia e velhice, em reflexão sensível às imposições culturais que pesam sobre o corpo feminino no âmbito da sociedade patriarcal.

As relações de gênero e a temática melancólica envolvem também as reflexões apresentadas em “Melancolia e gênero nos contos ‘Seco’, de Stefano Volp e ‘O suicídio da Quina’, de Ondina Ferreira”, trabalho de Pedro Manoel Monteiro e Raquel Aparecida Dal Cortivo. Trata-se de estudo comparado dedicado a um conto do escritor brasileiro Stefano Volp e a outro da escritora cabo-verdiana Ondina Ferreira, o qual busca demonstrar o

elemento melancólico e as marcas da sociedade patriarcal que se imprimem na constituição das personagens centrais dos respectivos contos.

São contempladas pelos artigos seguintes representações da melancolia na literatura contemporânea, incididas sobre fenômenos diversos, que vão desde a representação histórico-social até a problemática da composição literária.

“Meada de difícil desenredo’: reflexões sobre escrita, melancolia e suicídio em *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, de Evandro Affonso Ferreira”, de Willian André e Gabriel Pinezi, apresenta reflexões sobre processo composicional e melancolia, ao investigar o suicídio como elemento não apenas temático, mas também concernente à autoconsciência discursiva do romance *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), do escritor brasileiro Evandro Affonso Ferreira.

“Fragmentação narrativa e melancolia em *Trilogia do adeus* (2017)”, de Michel Augusto Carvalho da Silva e Luizir de Oliveira, debruça-se sobre os romances da trilogia de João Anzanello Carrascoza, constituída pelas narrativas, *Caderno de um ausente*, *Menina escrevendo com pai* e *A Pele da terra*. O estudo trata a melancolia como elemento integrador entre os romances, elemento esse que se refletiria na fragmentação narrativa que caracteriza as obras estudadas.

“Signos sem sentido: mal-estar contemporâneo em *Cosmópolis*, de Don DeLillo”, de Vera Bastazin e Ricardo Tiezzi propõe uma leitura da falência dos sentidos e da desorientação no universo de *Cosmópolis*, de Don DeLillo, âmbito no qual o trabalho considera a correspondência entre mal-estar contemporâneo e melancolia.

As relações entre literatura e outras artes são contempladas pelos três últimos artigos do dossiê.

“Melancolia, depressão e a administração do sofrimento em *Mal do século* (1995), de Todd Haynes”, de Marcos César de Paula Soares, analisa o filme *Mal do século* (*Safe*), do cineasta estadunidense Todd Haynes, considerando a maneira particular e crítica com que a obra, cujo enredo centra-se em personagem depressiva, subverte o motivo da pequena cidade idealizada como abrigo contra os males da Modernidade.

“Retiro e retirantes: configurações da morte na poesia de Portinari”, de Carlos Eduardo dos Santos Zago, dedica-se à pouco conhecida produção poética do renomado pintor brasileiro Cândido Portinari, investigando a atmosfera melancólica presente em motivos e procedimentos comuns tanto ao universo poético quanto às pinturas de Portinari.

“The melancholic gazes in the graphic novel *The Magic Fish*”, de Carlos Eduardo de Araujo Placido, dedica-se ao estudo da graphic novel *The Magic Fish*, do autor americano-vietnamita Trung Le Nguyen. A proposta do artigo é investigar o motivo do olhar melancólico que perpassa a construção

dessa narrativa que porta memórias dolorosas da Queda de Saigon e a sensibilidade do imigrante *queer*.

Os trabalhos aqui coligidos, com efeito, percorrem vasta trajetória histórica, do século XVI ao século XXI, e diferentes formas de expressão literária que representam distintos matizes da melancolia, ideia essa que empresta suas cores, sempre carregadas, à representação de problemas de grande relevância para a arte literária, tais como a expressão da subjetividade, a representação crítica da história e a poética autoconsciente que medita sobre a palavra e suas fronteiras.

A variedade dos temas contemplados pelos estudos que integram o dossiê certamente dá mostras da ampla constelação de temas que evoluem na órbita da melancolia, o sol negro de Dürer e Nerval, que se oferece como um renitente e denso emblema a tantos aspectos da Modernidade.

Integra ainda o presente número da *Miscelânea* a entrevista concedida por Kate Scarth a Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira. Kate Scarth é diretora da área de Estudos sobre L. M. Montgomery no *L. M. Montgomery Institute*, centro de pesquisa da Ilha do Príncipe Eduardo, Canadá, dedicado aos estudos da vida e da obra de Lucy Maud Montgomery, escritora canadense que tem entre suas obras mais célebres o romance *Anne of Green Gables* (1908).

Desejamos uma boa leitura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. 2. ed. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos*. (1914-1916). Obras Completas, V. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 170-194

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: Depressão e melancolia*. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza*. Trad. Rosa Freire d'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.